

OS EFEITOS DO TRABALHO DIGITAL NA VIDA DOS SEUS PRESTADORES DE SERVIÇO: UMA INTERLOCUÇÃO COM A PSICOLOGIA ANALÍTICA

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Coordenadoria de Fomento à Pesquisa - Pró-Reitoria de Pesquisa e
Pós-Graduação

Rebeca de Oliveira Fatarelli ¹
Apoio: PIVIC Mackenzie

Raul Alves Barreto Lima ²

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)¹
Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS)²

Universidade Presbiteriana Mackenzie – São Paulo, SP – Brasil

<10390132@mackenzista.com.br>
<raul.lima@mackenzie.br>

RESUMO

Este artigo teve como objetivo analisar como os trabalhadores que atuam por meio de plataformas digitais compreendem suas realidades no ambiente de trabalho e de que forma essa percepção reflete na consciência do ego, a partir do conceito de persona na Psicologia Analítica. No decorrer da pesquisa, buscou-se dedicar na identificação de possíveis processos de fixação da persona nesse tipo de relação de trabalho, considerando a forma como os trabalhadores uberizados constroem e mantêm sua identidade profissional dentro do discurso empreendedor promovido pelos aplicativos de entrega. Com isso, também foi possível examinar a relação entre a consciência do ego desses sujeitos e os impactos dessa construção identitária em seu cotidiano, bem como avaliar de que maneira a formulação da persona empreendedora interfere na percepção de si e do próprio trabalho. Sendo assim, ao utilizar como metodologia a revisão bibliográfica de artigos científicos, livros e conteúdos midiáticos, tornou-se possível realizar uma análise crítica que abarca abordagens acadêmicas e representações culturais a respeito do tema dessa pesquisa. Em suma, propondo uma reflexão sobre os efeitos psíquicos e sociais desse modelo de trabalho, contribuindo para o debate sobre subjetividade, identidade e saúde mental no contexto das plataformas digitais.

Palavras-chave: Trabalho, persona, empreendedorismo, Psicologia Analítica, Psicologia Social.

ABSTRACT

This study aimed to examine how workers engaged through digital platforms perceive their work environments and how this perception reflects on ego consciousness, based on the concept of persona in Analytical Psychology. The research focuses on identifying potential processes of persona fixation within this type of labor relationship, considering how platform-based ("uberized") workers construct and maintain their professional identities within the entrepreneurial discourse promoted by delivery apps. Furthermore, it explores the relationship between these individuals' ego consciousness and the impact of this identity construction on their daily lives, as well as how the development of an entrepreneurial persona influences their self-perception and their view of work. A literature review was employed as the methodological approach, drawing from peer-reviewed journal articles, books, and media content, to enable a critical analysis that integrates both academic perspectives and cultural representations relevant to the topic. Overall, the study offers a reflection on the psychological and social effects of this work model, contributing to current

discussions on subjectivity, identity, and mental health in the context of digital labor platforms.

Keywords: Work, persona, entrepreneur, Analytic Psychology, Social Psychology.

1. INTRODUÇÃO

A busca por uma realidade sem sofrimento e que chegue o mais próximo de uma possível perfeição para quase todos os aspectos da vida se faz presente na mentalidade dos seres humanos desde os seus primórdios, especialmente com relação ao trabalho. Segundo Thomas More (2004) a organização do trabalho, de maneira utópica, deveria ser composta por todos os membros da sociedade com o objetivo de evitar que alguns sobrecarreguem outros evitando que o momento de ócio de certos sujeitos tornem necessário o excesso de trabalho para outros.

De acordo com Silva (2015), o trabalho era a princípio voltado apenas para a sobrevivência humana, mas com o passar dos séculos foi adquirindo outros sentidos com o desenvolvimento de novas tecnologias e novos pensamentos políticos e econômicos. A autora apresenta o pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman como uma das formas de interpretar a realidade da sociedade moderna, pois a descreve como fluida, flexível e que pode levar a comportamentos que por sua vez refletem no contexto do trabalho, como a incerteza, o consumismo e a saciação de prazeres imediatos.

A fluidez e a flexibilidade no trabalho são compostas por uma falsa ideia de progresso individual, com isso, Silva (2015) defende que é necessário um olhar mais crítico e analítico para as formas de dominação presentes nessa realidade líquida do trabalho moderno. A autora afirma que essa nova organização do trabalho impulsiona as pessoas a buscarem algum tipo de liberdade e autonomia, mas que, na verdade, limita o acesso a esses elementos e também à subjetividade e criticidade dos trabalhadores.

O filósofo Lipovetsky (*apud* Facas, 2017) defende que a sociedade atual vive em tempos hipermodernos, onde se pensa apenas no aqui-agora, em tornar maior o consumo e a comunicação, buscando pela individualização dos trabalhadores, mas enfraquecendo as normas que lhe são dadas por direito para o ambiente de trabalho. Essa maneira de pensar leva os trabalhadores a desenvolverem certas ideias e comportamentos que refletem em prejuízos para suas vidas, como consequências relacionadas à saúde mental.

A incessante procura por um aproveitamento do tempo e em adquirir resultados positivos de maneira rápida com o intuito de tornar a sociedade de alguma forma mais evoluída são reflexos da ideia moderna. A partir disso, Facas (2017) aponta que os avanços tecnológicos, como a internet, apresentam um papel importante na propagação dessa busca por sucesso no trabalho, pois são capazes de disseminar informações de maneira rápida e

praticamente simultâneas. Isso se deve em razão da modernidade ser o resultado desses avanços, também em mudanças econômicas e na cultura que levam, consequentemente, ao surgimento de uma nova organização do trabalho e a implantar um novo tipo de gestão do mesmo.

Demonstrar um comprometimento ideal com a empresa e manter uma mentalidade competitiva faz com que o trabalhador agrade aos ideais do empregador e fique, por sua vez, à mercê da instituição. Facas (2017) indica que isso pode propagar efeitos penosos não apenas ao ambiente de trabalho, mas também em sua vida pessoal. Assim, torna-se iminente a presença das incertezas e da falta de perspectivas por meio do trabalho, levando a quadros de ansiedade pela falta de compromisso da parte do contratante e gerando uma falsa flexibilidade para o trabalhador. Segundo Bauman (*apud* Facas, 2017), as incertezas são constituídas por uma força individualizadora que faz com que o trabalhador se mantenha preso na solidão junto das suas ansiedades e medos provocados pela empresa.

Analisando a lógica consumista presente na sociedade hipermoderna, é possível compreender que apesar do cenário atual do trabalho ser precário e prejudicial aos trabalhadores, também sabe-se que não é simples sair dele, pois chegou ao ponto de levar a uma acumulação exacerbada dos bens produzidos, o produtivismo. Portanto, Facas (2017) defende que esse tipo de trabalho deve ser problematizado, especialmente levando em consideração as questões psíquicas dos trabalhadores.

Novos tipos de trabalho têm sido desenvolvidos com o passar dos séculos e com o auxílio da tecnologia e a sua expansão em escala global, tornou-se parte do cotidiano existirem trabalhos que podem ser executados por intermédio da internet. Antunes (2020) chama isso de “trabalho digital” e aponta as problemáticas advindas do mesmo. Algumas das críticas tratam a respeito da relação entre o trabalhador e a matéria-prima com a qual ele lida, o manuseio de informações, e da migração em massa que tem surgido para essa nova modalidade de trabalho por conta da flexibilidade geográfica que ela permite para que então seja executada, especialmente quando se trata do trabalho de entregas por meio de aplicativos, chamado pelo autor de “trabalho uberizado”. Isso acarreta na vida dos trabalhadores um peso maior para a competição, como é exposto pelo mesmo:

Os trabalhadores com frequência reconhecem que são competidores relativamente atomizados no mercado global, estando cientes de que, se não fizerem um trabalho nas cotações e condições que a eles são oferecidas, alguma outra pessoa o fará (Antunes, 2020, p. 51).

Realizando um diálogo entre a organização do trabalho uberizado e a maneira como o mesmo lida com os seus prestadores, é possível refletir sobre os efeitos psicológicos que podem reverberar nesses trabalhadores e como os mesmos são instigados a seguir um tipo de persona empreendedora que tem a necessidade de proceder positivamente com relação à vida financeira em meio a uma economia onde se preza pelo lucro e alto consumo dos bens produzidos pelas indústrias. A partir dos estudos realizados por Antunes (2020) se analisa que há um alto índice de competição que pode levar os trabalhadores a serem colocados uns contra os outros e a não colaborarem entre si. Esse tipo de organização de trabalho também faz com que os seus trabalhadores não possam ocupar o espaço de fala que lhes é devido e o fato de não existir um espaço físico para o trabalho em si faz com que a rotina criada por eles seja uma adaptação do seu cotidiano em favor do trabalho. Portanto, com base no que foi exposto, pode-se compreender que essa realidade do trabalho uberizado é capaz de produzir efeitos com relação a psique dos trabalhadores e, consequentemente, na constituição da identidade dos mesmos.

Desta forma, a presente pesquisa procura compreender de que maneira o trabalho realizado por meio de plataformas digitais pode corroborar na manifestação da persona empreendedora nos prestadores de serviço uberizados e de que maneira isso pode causar efeitos penosos para a consciência-ego dos mesmos. Sendo assim, o motivo pelo qual foi levantado tal questionamento se dá em razão do aumento no número de prestadores de serviço em empresas de entrega por aplicativo, a maneira como os mesmos têm sido expostos em seus trabalhos e de que modo isso pode refletir em suas vidas, especialmente com relação à saúde mental.

Portanto, o problema de pesquisa e os objetivos são: analisar como os trabalhadores que prestam seus serviços por meio de plataformas digitais compreendem as suas realidades de trabalho e de que maneira isso afeta a consciência de ego dos sujeitos examinando a partir do conceito de persona para a Psicologia Analítica. Para isso, foi efetuada uma investigação dos possíveis processos de fixação da persona em meio a este tipo de trabalho, a relação da consciência do ego dos/as trabalhadores/as e seus reflexos em seu cotidiano e avaliar como a constituição da persona empreendedora interfere na maneira como o trabalhador enxerga a si e o seu trabalho. Com esse fim, a metodologia adotada foi a revisão bibliográfica de artigos científicos, livros e conteúdos midiáticos para haver uma melhor compreensão deste tema a partir da perspectiva midiática e científica.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Sendo assim, a partir do método adotado, foram selecionados 7 artigos e 3 reportagens que abordam a temática dos efeitos do trabalho digital na vida dos prestadores de serviço uberizados. Além disso, também foram selecionados estudos referentes à abordagem junguiana sobre os conceitos de identidade e subjetividade. Os resultados encontrados apontam para uma concomitância entre o aumento nos índices de ansiedade e depressão – como também outras questões psicológicas e psicossomáticas – com a rotina de trabalho de sujeitos que prestam serviços para aplicativos de entrega, indicando que é possível relacionar a precarização do trabalho na era digital com os agravamentos da saúde mental da população trabalhadora, especialmente a que tratamos neste trabalho. Pode-se compreender com mais profundidade essa relação entre a saúde mental do trabalhador uberizado com o seu ambiente de trabalho a partir dos estudos de Gomes-Souza e Tramontano (2024), Bernardo, Souza e Garrido-Pinzón (2023) e Uchôa-de-Oliveira (2020) que serão melhor analisados mais adiante.

Os dados apresentados nas reportagens do G1 (2025), UOL (2025) e The Intercept Brasil (2024) apontam que nos últimos anos houveram milhares de afastamentos de trabalhadores uberizados por questões vinculadas à saúde mental, especialmente referentes à ansiedade e depressão. Isso tem levado à execução de paralisações de nível nacional, sendo a baixa remuneração, as cargas horárias excessivas de trabalho, a falta de direitos e outros pontos as motivações para serem efetuados tais atos públicos. Esses prestadores de serviço têm manifestado sua indignação tanto com as empresas responsáveis pelos aplicativos de entrega como também com o Estado, em razão da falta de amparo de políticas públicas voltadas para o grupo e pela excessiva estimulação de uma cultura que vem se tornando mais notória – graças às novas tecnologias – que se utiliza de um discurso com foco na produtividade extrema.

Godim (2020) aborda em sua pesquisa a relação entre o surgimento de novas tecnologias e comunicação (TICs) com a chegada do trabalho uberizado no Brasil, apontando que deve haver uma análise sobre os efeitos deste novo modo de trabalho. A informalidade, a falta de contribuições previdenciárias e a influência neoliberal da mentalidade do “empreendedor de si mesmo” – proporcionadas pelas empresas – são tidas pelo autor como fatores preocupantes em razão de potencializarem a ausência de acesso à proteção social que deveria atender a todos os tipos de trabalhadores. Isso se intensificou principalmente após a Reforma Trabalhista, em 2017, tendo como alguns de seus desdobramentos a fixação do

modelo baseado na concorrência universal e as condutas jurídicas que priorizam o benefício para as empresas e realizando uma distribuição injusta com seus prestadores de serviço.

A partir disso, baseando-se em Godim (2020), nota-se que há uma carência no campo do direito do trabalho contemporâneo a respeito do desenvolvimento e da execução de medidas que visem maneiras de acolher e defender os trabalhadores uberizados. Isso ressalta a importância da constituição de organizações coletivas e sindicatos para esse grupo que se encontra desamparado pelo Estado. Dessarte, é possível estabelecer uma interlocução com a pesquisa de Abílio (2020) onde são apontados os reflexos da falta de atenção governamental e empresarial nas formas do autogerenciamento e da subordinação dos prestadores de serviço para com as plataformas.

Abílio (2020) aponta que o fenômeno da uberização também possui uma influência direta no processo de subjetivação dos prestadores de serviço em razão do sistema neoliberal contemporâneo. A base do mesmo é composta pela vigilância, pelo controle e pelo gerenciamento constante do trabalho em execução, levando os sujeitos a uma subordinação para com o aplicativo e condicionando-os a serem “autogerentes de si mesmos”. Isso por sua vez proporciona uma sensação de autocontrole e uma falsa ideia de que o trabalhador é um empreendedor de fato. Diante desta realidade, imposta pelas empresas responsáveis com apoio do Estado, percebe-se também o uso do artifício da gamificação para dar a impressão de que esse tipo de serviço pode ser visto como um “jogo”, onde as regras não estão claras e são inflexíveis para os “jogadores”. À vista disso, Abílio (2019) destaca que o trabalho de entregas torna-se um atrativo para aqueles que estão à procura de uma renda extra ou tentando sair do desemprego que vem atingindo a população brasileira.

Em sua pesquisa a autora expressa uma reflexão associando a “juvenilização” da profissão de entregador na atualidade e como essas questões podem reverberar na subjetivação dos trabalhadores. Abílio (2019) indica que com a chegada do “sujeito neoliberal”, também chamado de “neossujeito”, os prestadores de serviço passaram a adotar uma mentalidade onde a competição e a maximização dos resultados devem ser o principal propósito nesse tipo de trabalho. A autora sugere que por conta das mudanças na identidade profissional do serviço de entrega o neossujeito vem sofrendo com a precarização desse trabalho, o que por sua vez também leva à precarização do trabalho dos motoboys. Esses dois tipos de prestações de serviço possuem uma diferença além da mediação dos aplicativos, pois enquanto os motoboys estabelecem uma relação mais próxima com as pessoas e a cidade como um todo – por conhecerem melhor seu ambiente de trabalho – os entregadores

uberizados acabaram trazendo uma imagem mais amadora para os serviços de entrega em razão do aumento do número de jovens que vêm ocupando esse tipo de trabalho. Sendo assim, a autora destaca que a falta de uma seleção para a contratação dos prestadores de serviço de entrega uberizados leva a uma relação informal com o trabalho e indicando ser apenas mais uma maneira precária do trabalhador buscar garantir a sua sobrevivência na sociedade neoliberal.

O conceito neoliberal sobre a produtividade em alta escala causa outros efeitos nos prestadores de serviço por aplicativos uberizados, sendo um deles a relação com a espera no decorrer da jornada de trabalho. Maior e Vidigal (2022) sinalizam em sua pesquisa os impactos da espera em razão das condições de trabalho e vida desses prestadores de serviço. A espera vivenciada pelos mesmos está relacionada à espera pelos chamados vindos dos aplicativos para que possam realizar a entrega de algo ou transportar algum passageiro. Entretanto, as empresas responsáveis pela monitoração e administração dos aplicativos não levam em consideração o tempo que os prestadores permanecem aguardando pelas corridas que muitas vezes precisam ficar longas horas esperando e sem receber pelo tempo que estavam disponíveis para realizar o serviço. Por outro lado, existem empresas que vêm construindo espaços para que os prestadores possam se reunir e aguardar até serem chamados para a próxima entrega. Isso acaba permitindo haver uma interação entre os mesmos e que possa haver discussões a respeito das condições de trabalho e mobilizarem movimentos de organização coletiva, porém, essa ainda não é a realidade da maioria dos prestadores brasileiros.

Isso, por sua vez, mostra uma discordância com o artigo 4º da CLT, onde estabelece que o período no qual o empregado está à disposição para trabalhar – realizando ou não ordens – deve ser considerado como tempo de trabalho efetivo. Com isso, segundo Maior e Vidigal (2022), entende-se que esse período de espera – visto como falta de produtividade – é invisibilizado pelas empresas e pode suscitar em reflexos nocivos na vida dos trabalhadores uberizados, como o sofrimento psíquico.

De acordo com Maior e Vidigal (2022), a falta de um período de descanso e a exploração do trabalho são alguns dos efeitos que podem impactar a vida dos trabalhadores uberizados. Isso ocorre em decorrência da falta de medidas e controle das empresas e do Estado que acabam proporcionando o adoecimento da psique dos sujeitos. A ansiedade pela espera para cumprir metas, a depressão por conta da insatisfação com o trabalho e com a sua rotina são alguns dos reflexos do ritmo de trabalho uberizado que pode até – em alguns casos

– levar ao suicídio. Sendo assim, ao entender esse ambiente de trabalho como um fator de estresse – em razão do trânsito – somado às longas jornadas e por um ritmo excessivo de trabalho, as autoras destacam por meio de sua pesquisa que os danos para com a vida desses prestadores podem ir além da saúde mental, pois os mesmos estão expostos a outros perigos proporcionados pelo ambiente urbano – como os acidentes de trânsito – que por sua vez podem potencializar os sintomas da ansiedade e da depressão.

O excesso de trabalho e desempenho levam os sujeitos uberizados a desenvolverem uma auto exploração e, com isso, cultivam um falso sentimento de liberdade por entenderem que são seus próprios chefes, apesar de dependerem de um aplicativo. Maior e Vidigal (2022) indicam que, na realidade, a autocobrança torna-se aquilo que ocupa a maior parte da vida desses sujeitos e que a liberdade não passa de uma ilusão. Em decorrência disso, a síndrome de Burnout e outros agravos na saúde psíquica dos trabalhadores tornam-se mais frequentes em razão do excesso da auto exploração – motivado pela sobrevivência do sujeito e daqueles que dependem dele – e isso acaba ocasionando um distanciamento da tão almejada liberdade.

Vale ressaltar que durante a pandemia da COVID-19 também houve um agravamento na saúde mental de todos os trabalhadores, especialmente dos uberizados. Maior e Vidigal (2022) destacam que a exposição constante vivenciada por esses prestadores de serviço acentuaram a sobrecarga mental por conta do receio de se contaminarem somado com a necessidade de sobreviverem com seus salários. Sendo assim, as autoras sugerem que ao analisar o cenário pandêmico percebe-se que o trabalho uberizado está completamente atrelado ao risco psicológico. Isso, por sua vez, pode desencadear quadros psicológicos graves que podem se estender a longo prazo.

Uchôa-de-Oliveira (2020) aponta em sua pesquisa que no período da pandemia o impacto causado pelo apoio insuficiente da Justiça do Trabalho brasileira para com o público que trabalhava com serviços de entrega por meio de aplicativos serviu para reforçar o ideal neoliberal de comércio e produtividade excessiva. Desta forma, percebe-se que em meio a constante exposição de situações de risco durante as jornadas de trabalho fez com que os sujeitos não ficassem vulneráveis apenas com relação à saúde física – pois a saúde mental dos mesmos também corria o risco de ser afetada diariamente – seja por estar ansioso para cumprir suas metas no trabalho ou por estar preocupado em sobreviver.

Bernardo, Souza e Garrido-Pinzón (2023) abordam mais a fundo em sua pesquisa a respeito dos impactos do trabalho na saúde dos trabalhadores na sociedade contemporânea e quais são os desafios vivenciados pelos mesmos. Para as autoras, com base na perspectiva da

Psicologia Social do Trabalho, o trabalho é constituído a partir de relações de poder presentes na sociedade e no decorrer dessas relações passa a ser desenvolvido o processo de subjetivação de cada sujeito. Sendo assim, aquilo que é vivenciado no ambiente de trabalho também causará efeitos na constituição da subjetividade dos sujeitos, como também na saúde mental dos mesmos.

Desde a Ditadura Civil-Militar no Brasil, a saúde do trabalhador é um campo que vem sendo desenvolvido e discutido para que sejam elaborados direitos para todos os tipos de trabalhadores brasileiros. Segundo Bernardo, Souza e Garrido-Pinzón (2023), com a chegada da Reforma Trabalhista, em 2017, houve uma melhora com relação aos direitos de saúde do trabalhador no país, entretanto, a mesma omite boa parte do acesso desses direitos para os trabalhadores uberizados por serem vistos como trabalhadores informais. Com isso, ocorre a sustentação da mentalidade empreendedora neste público e que por sua vez pode levar a desencadear prejuízos na saúde dos sujeitos – tanto física como mental. A falta de credibilidade e reconhecimento desse tipo de trabalho vem crescendo e se dá em decorrência da invisibilidade dada à profissão e, com isso, faz com que essa parte da população trabalhadora tenha dificuldade de acessar e desfrutar de políticas públicas, especialmente com relação à saúde do trabalhador.

A invisibilidade acaba sendo um dos fatores que interferem no processo de subjetivação dos sujeitos, pois se o tipo de serviço que ele tem prestado não é reconhecido, logo ele também passa a se sentir invisível em meio à sociedade. Apesar de se tratar de um trabalho que envolve ter contato com diversas pessoas em um ritmo acelerado – principalmente nos grandes centros urbanos – isso não garante que os trabalhadores sejam reconhecidos como indivíduos por todos e isso, por consequência, causa efeitos na subjetivação de cada um desses sujeitos. Bernardo, Souza e Garrido-Pinzón (2023) destacam que isso não ocorre apenas no âmbito da subjetivação individual, mas também na coletiva em razão de ambas se relacionarem de maneira intrínseca. Com base nisso, entende-se que não é possível haver inovação na forma de viver – como na área do trabalho – se não tiver uma interação grupal e coletiva por meio da cooperação, algo que precisa ser mais estimulado entre os trabalhadores uberizados.

Bernardo, Souza e Garrido-Pinzón (2023) apontam também que para uma empresa ser considerada saudável para o psiquismo desses trabalhadores é essencial que a mesma invista e compreenda que é preciso conceder os meios necessários para seus prestadores de serviço terem apoio no ambiente de trabalho e exercerem suas funções – como locais para

aguardarem ser chamados para realizar uma entrega e permitir que tenham espaço para discutirem sobre seus direitos e perspectivas a respeito da empresa. Isso mostra que uma empresa que zela pela vida de seus prestadores de serviço é aquela que busca saber mais sobre o cotidiano dos mesmos e, com isso, investe e proporciona um ambiente sadio para os trabalhadores. Sendo assim, entende-se que a postura de uma empresa é capaz de causar impactos na vida de seus prestadores de serviço durante o processo de subjetivação dos mesmos.

Pode-se perceber também que a partir do momento em que as empresas para trabalhadores uberizados passam a não se preocupar em conceder condições saudáveis no ambiente de trabalho, faz com que os mesmos tenham o direito à cidadania e a apreensão da subjetividade comprometidos. Gomes-Souza e Tramontano (2023) sinalizam que isso ocorre em decorrência da pressão advinda do sistema econômico global e que por conta do Estado brasileiro ter flexibilizado os laços contratuais para aqueles que prestam serviços informais – como os de entrega por aplicativos –, acabou diminuindo as chances dos trabalhadores conseguirem acessar seus direitos sociais e trabalhistas. Isso se intensifica graças à lógica neoliberal contemporânea somada à plataformização do trabalho baseada na superexploração.

Gomes-Souza e Tramontano (2023) destacam também que a subjetivação desses trabalhadores correm certos riscos psicossociais em razão da uberização do trabalho ter sido ampliada a nível global. Por se tratarem de empresas imersas no sistema neoliberal e que se preocupam com o aumento da produtividade e dos lucros, isso faz com que seja necessária uma força de trabalho em grande escala. Desta forma, os trabalhos por aplicativos de entrega se tornaram atrativos, pois o chefe da empresa disponibiliza a oportunidade de emprego para aqueles que quiserem e, no final, lucra utilizando da mão de obra de terceiros, com os quais não possui responsabilidade trabalhista em razão da informalidade. Por outro lado, isso faz com que os trabalhadores pensem ser seus próprios patrões por poderem organizar seus horários e receberem pelo seu serviço.

As empresas sustentam a ideia de que se trata de um jogo onde todos saem ganhando, entretanto, o dono da empresa sempre sai ganhando mais e sem muita responsabilidade pelo seu “contratado”. Segundo Gomes-Souza e Tramontano (2023), em períodos econômicos anteriores ainda se buscava estabelecer um certo equilíbrio entre o acúmulo de capital com o trabalho, porém, com a consolidação do sistema político-econômico neoliberal na hipermodernidade, a ideia de haver um equilíbrio vem sendo relegada. Isso, por sua vez,

sustenta o ideal de um mercado financeiro onipotente e que sempre será possível acelerar a obtenção de lucros a partir de uma performance produtiva buscando sempre a excelência.

Sendo assim, essa busca utópica pela perfeição econômica neoliberal acaba desencadeando em prejuízos psicossociais que podem resultar em danos psíquicos na vida dos prestadores de serviço uberizados – como o estresse, a ansiedade, a Síndrome de Burnout e o suicídio no trabalho. À vista disso, o apreço pela dignidade e saúde dos trabalhadores também passa a ser deixado para trás e, com isso, percebe-se ainda mais a necessidade de serem desenvolvidas políticas públicas que exijam das empresas e do Estado uma postura ética e, assim, concedendo as ferramentas necessárias para que venha a diminuir o adoecimento psíquico e físico dos trabalhadores.

O psiquismo, de acordo com a abordagem analítica, é compreendido como uma estrutura que se divide entre consciente e inconsciente onde permitem, sucessivamente, o ser humano entrar em contato com o mundo exterior e interior. Com isso, a obra de Stein (2006) nos auxilia a compreender os conceitos estudados pelo fundador da Psicologia Analítica, Carl Gustav Jung. Vale ressaltar que os termos foram desenvolvidos por Jung em um determinado período vivido pela sociedade moderna ocidental europeia, mas com influências de certas culturas orientais e também mediterrâneas.

Stein (2006) apresenta a consciência como o lugar que está constantemente atento e observando o que ocorre no mundo externo, abrigando também o ego. Esse é um conceito entendido como aquele que media e entra em contato com todos os conteúdos do consciente, o centro do mesmo, permitindo que a psique se veja e possa tornar-se consciente. Por outro lado, o inconsciente é visto como a parte da psique que apresenta os conteúdos que estão fora da consciência. O autor aponta que o inconsciente para Jung é composto tanto por questões pessoais que cada sujeito adquire vivendo em determinada sociedade e cultura – como o ambiente de trabalho – chamado de inconsciente pessoal, como também por uma camada em comum com outros seres humanos que foi obtida de forma geracional e por isso está presente em todos, o inconsciente coletivo.

Os conteúdos presentes no inconsciente que são responsáveis por perturbar a consciência são descritos por Jung como complexos, e a origem deles se dá em razão de lembranças que foram reprimidas a partir de traumas que podem ocorrer em razão do ambiente exterior como também do interior. Desta forma, pode-se analisar que a repercussão causada pelo estresse e ansiedade vivenciados pelos trabalhadores uberizados no ambiente externo trata-se de traumas que, por sua vez, refletem no psiquismo dos mesmos e passam a

ser contidos, manifestando-se através de complexos na psique de cada sujeito. Stein (2006) descreve que o surgimento desses complexos também possui uma influência arquetípica, ou seja, inata ao próprio ser humano.

Outro conceito relevante para compreender a psique humana é o que Jung chama de *persona* e em sua obra “*O eu e o inconsciente*” o autor a descreve da seguinte maneira:

Como seu nome revela, ela é uma simples máscara da psique coletiva, máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer aos outros e a si mesma que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva. (Jung, 2014, p. 42).

Jung (2016) enfatiza que a maioria das profissões possuem suas próprias características em razão de cada uma exigir uma determinada *persona* para exercer o cargo. Isso se dá pela sociedade exigir posturas profissionais e comportamentos que visam cumprir certas expectativas, entretanto, é necessário se atentar para que a identificação com essa *persona* não seja feita de uma maneira que determine todas as ações do trabalhador independente do ambiente que ele estiver ocupando e, assim, resumindo a sua personalidade à *persona* do trabalho. Com relação aos trabalhadores uberizados, nota-se a adoção da *persona* empreendedora por alguns entenderem que são seus próprios chefes, que podem fazer seus horários e escolhas de entrega e com isso serem produtivos, a partir da perspectiva econômica contemporânea. Todavia, esse suposto empreendedor se trata, na realidade, de um subordinado que nem sequer pode desfrutar de todos os direitos reservados aos trabalhadores. Sendo assim, pode-se compreender que a *persona* empreendedora presente no trabalhador uberizado tem sido cultivada graças a influência do sistema econômico neoliberal.

Destarte, percebe-se que os prestadores de serviço uberizados estão mais suscetíveis a permanecerem com a postura profissional durante a maior parte do dia em razão de realizarem um tipo de trabalho que, em diversos casos, acaba sendo aquilo que ocupa grande parte do cotidiano e os leva a pensar que estão se portando como seus próprios chefes. Com isso, levando em consideração uma rotina que requer um alto nível de produtividade, os uberizados correm o risco de se identificarem fortemente com a *persona* trabalhadora empreendedora sem mesmo questionarem se eles são de fato empreendedores. Jung (2016) destaca em um trecho da sua obra “*Os arquétipos do inconsciente coletivo*” qual a repercussão que a identificação do sujeito com essa *persona* trabalhadora pode tomar e os contratempos que ela traz para o mesmo:

Exagerando um pouco, poderíamos até dizer que a *persona* é o que não se é realmente, mas sim aquilo que os outros e a própria pessoa acha que se é. Em todo

caso a tentação de ser o que se aparenta é grande, porque a persona frequentemente recebe seu pagamento à vista. (Jung, 2016, p. 172).

Stein (2006) compreende a persona como “a pele psíquica entre o ego e o mundo” (p. 110), com isso, o termo pode ser entendido como um construto psicológico e social para ser adotado em situações e momentos específicos para auxiliar na adaptação e desempenho humano em meio a sociedade. Sua composição se dá pelo caráter e pela atitude adotadas pelo sujeito, sendo que nos diferentes locais que o mesmo ocupa ele é capaz de apresentar uma determinada postura com base na demanda do ambiente e elas podem ser entendidas como subpersonalidades. O autor coloca que dependendo do prestígio que um tipo de persona tem perante a sociedade, mais forte será a tendência para que o sujeito passe a incluí-la no seu repertório de personalidades.

A persona pode ser entendida como um dos conceitos de maior relevância quando se trata da análise da postura de uma pessoa no seu contexto de trabalho, uma vez que a própria empresa – como também o dono da mesma – exigem um certo tipo de postura para os cargos que devem ser preenchidos de acordo com a cultura estabelecida pela empresa, descrevendo as atitudes e caráter esperados. Realizando uma interlocução com o que Stein (2006) descreve em sua obra, incorporar esse tipo de persona se torna possível a partir do momento em que o sujeito é capaz de esconder aspectos da sua personalidade e ao mesmo tempo expressando outros oferecendo “à pessoa uma identidade psicossocial” (p. 111), sendo essa de acordo com a política implantada pela empresa. A relação dos prestadores de serviço por entrega uberizados com a identidade psicossocial no trabalho, por outro lado, não abarca apenas um tipo de personalidade, mas sim duas, pois ao mesmo tempo que se vêem como empreendedores eles são tidos pelas empresas como contratados. Em vista disso, nota-se que deve haver um conflito identitário constante nesses sujeitos no âmbito da consciência de ego em razão de se reconhecerem como um determinado tipo de trabalhador, mas que na verdade acabam não sendo tratados como tal.

Por fim, baseando-se em Stein (2006), compreende-se que a lógica empreendedora quando refletida na persona trabalhadora dos sujeitos uberizados pode causar danos que abarcam a saúde mental dos mesmos de maneira geral e, principalmente, no processo de subjetivação e em sua identidade.

3. CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo avaliar a maneira como os prestadores de serviço por meio de plataformas digitais na era hipermoderna compreendem e vivenciam suas realidades de trabalho com base em pesquisas realizadas na área da Psicologia do Trabalho no contexto brasileiro. Ao analisar a temática em questão – a partir da óptica da Psicologia Analítica –, notou-se a presença de possíveis processos de fixação da persona empreendedora em meio a este tipo de trabalho. Com isso, foi possível observar por meio das referências trazidas que a fixação da persona se dá em razão da influência do contexto sócioeconômico neoliberal no qual a contemporaneidade se encontra e que é cultivada pelas empresas de entrega por aplicativos. Nota-se que o ritmo de trabalho – especialmente em grandes cidades –, traz consigo agravantes para a saúde física dos sujeitos que podem levar a danos na saúde psíquica em razão de diversos fatores, como a ansiedade de cumprir metas e a dificuldade de descansar enquanto espera ser chamado, o medo de sofrer acidente de trânsito e o de cometer suicídio no trabalho.

Os resultados indicaram que existem benefícios e malefícios neste tipo de ambiente de trabalho, sendo o único ponto positivo o tempo de espera que os trabalhadores possuem para poderem construir uma relação coletiva para discutirem seus direitos quando estiverem reunidos. Entretanto, os pontos negativos se sobressaem, como a relação da consciência do ego dos trabalhadores sofrendo interferência em decorrência da maneira como os mesmos se enxergam como seus próprios patrões que precisam ser produtivos e como isso os faz sentir que estão vivendo em liberdade. Ao adotar essa mentalidade, faz com que os sujeitos não tenham uma perspectiva clara sobre quem realmente são e as empresas uberizadas se aproveitam colocando cada vez mais pressão e exigindo mais dos trabalhadores. Porém, enquanto as empresas cobram a excelência, elas mesmas não são exigidas na mesma intensidade para tratarem os seus trabalhadores com excelência.

Desta forma, nota-se que a pesquisa pode contribuir como uma maneira de refletir a respeito de um tema que vem crescendo e mudando na contemporaneidade, servindo também de estímulo para a Psicologia Analítica se aprofundar e também cooperar no desenvolvimento de novas pesquisas na área e, assim, mantendo o olhar não somente para o individual, mas também para o social. Entretanto, o trabalho aqui exposto não possui um fim em si mesmo, pois se trata de uma pesquisa baseada em conteúdos científicos e midiáticos de uma época e isso o torna limitado por referir-se a um assunto que necessita de constante acompanhamento e vem se alterando com o passar do tempo. Vale ressaltar a importância de pesquisas futuras

no campo da Psicologia – Analítica e Social – que abordem a temática do trabalho digital por se tratar de uma modalidade que está se tornando cada vez mais comum na sociedade.

4. REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ABÍLIO, L. C. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. **Estudos avançados**, v. 34, n. 98, p. 111-126, 2020.

ABÍLIO, L. C. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

BELANDI, C. Em 2022, 1,5 milhão de pessoas trabalharam por meio de aplicativos de serviços no país. **Agência IBGE Notícias**. 26/10/2023. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38160-em-2022-1-5-milhao-de-pessoas-trabalharam-por-meio-de-aplicativos-de-servicos-no-pais>>. Acesso em: 1 fev. 2024.

BERNARDO, M. H.; SOUZA, H. A.; GARRIDO-PINZÓN, J. O campo da Saúde do Trabalhador e os desafios do trabalho na atualidade: uma reflexão a partir da Psicologia Social do Trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 48, p. edcinq5, 2023.

Conselho Nacional de Saúde. Sofrimento psíquico no ambiente de trabalho: pesquisadoras apontam situação epidêmica na Saúde Mental no Brasil. **Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde**. 11/05/2023. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/3001-sofrimento-psiquico-no-ambiente-d-e-trabalho-pesquisadoras-apontam-situacao-epidemica-na-saude-mental-no-brasil>>. Acesso em: 1 fev. 2024.

FACAS, E. P.; GHIZONI, L. D. Trabalho como estruturante psíquico e sociopolítico em tempos de hipermodernidade. **Trabalho (En) Cena**, v. 2, n. 2, p. 1-2, 2017.

G1. Crise de saúde mental: Brasil tem maior número de afastamentos por ansiedade e depressão em 10 anos. G1, 10 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2025/03/10/crise-de-saude-mental-brasil-tem-maior-numero-de-afastamentos-por-ansiedade-e-depressao-em-10-anos.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2025.

GOMES-SOUZA, R.; TRAMONTANO, M. C. Subjetivação e riscos psicossociais da uberização do trabalho nas dinâmicas territoriais. **Cadernos Metrôpole**, v. 26, n. 59, p. 143-167, 2023.

GONDIM, T. P. A luta por direitos dos trabalhadores “uberizados”: Apontamentos iniciais sobre organização e atuação coletivas. **Mediações**, v. 25, n. 2, p. 469-487, 2020.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2014.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MAIOR, N. M. S. S.; VIDIGAL, V. Em modo de espera: a condição de trabalho e vida uberizada. **Revista Katálysis**, v. 25, p. 62-72, 2022.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.). **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina: eduel, 2003, p. 11-25.

MORE, T. **Utopia**. Brasília: Universidade de Brasília, 2004.

NASCIMENTO, V. A. do; BORGES, S. M. A precarização do trabalho e a saúde mental dos trabalhadores por aplicativo. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências Humanas, Santa Maria, v. 23, n. 1, p. 133-157, 2022.

PENNA, E. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicologia USP**, v. 16, p. 71-94, 2005.

SILVA, L. L. et al. Sobre as Relações de Trabalho na Modernidade Líquida: Reflexões a partir de Zygmunt Bauman. **Revista Brasileira de Educação e Cultura** | RBEC | ISSN 2237-3098, n. 16, p. 45-56, 2017.

STEIN, M. **Jung**: O mapa da alma: Uma introdução. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

THE INTERCEPT BRASIL. Entregadores passam fome em jornadas de até 80 horas. **The Intercept Brasil**, 17 abr. 2024. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2024/04/17/entregadores-passam-fome-em-jornadas-de-ate-80-horas/>. Acesso em: 18 abr. 2025.

UCHÔA-DE-OLIVEIRA, F. M. Saúde do trabalhador e o aprofundamento da uberização do trabalho em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 45, p. e22, 2020.

UOL. “Breque dos Apps”: entregadores alegam precarização e paralisam em 59 cidades. UOL Notícias, 31 mar. 2025. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2025/03/31/breque-dos-apps-entregadores-alegam-precarizacao-e-paralisam-em-59-cidades.htm>. Acesso em: 18 abr. 2025.